



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A princesa dos Olhos de Esmeralda

Por MARIA BRANCO
Desenhos de A. Castañé

PRIMEIRA CANÇÃO



ODA a floresta ardia em scintilações.
Cada árvore era um feixe de luz, fulgurante e multicôr.

A relva exalava perfumes, nunca sentidos.

Numa clareira, elevavam-se trónos de cristal e ouro.

Os pássaros haviam emudecido e os insectos quedavam-se embevecidos.

Dir-se-ia mesmo, que até as fontes e os ribeirinhos deslisavam mais mansamente doces...

Sómente, atravessando a floresta, rastejante em ondulações, caminha uma enguiazinha, indiferente ao deslumbramento que a envolvia. Todavia, quando chegou perto da clareira, sons maraviosos, despertaram-na do seu sonhar.

Sobre cada trôno estava sentada uma fada e pela relva ninfas e zéfiros tocavam e bailavam...

A enguia julgou que fossem borboletas e nenúfares, que ela já conhecia dos juncos, dos rios, e dos charcos e poças de água.

Cautelosamente aproximou-se.

Ao deparar com os lindos rostos das fadinhas, ergueu muito alto a sua cabecinha ponteguda.

A Rainha Liliana acercou-se da enguia.

Esta julgou morrer, estremeecendo das guelas até ás barbatanas,

— «Não te arreceies. A fada Liliana não pertence ao grupo das mágicas e das Bruxas que espreitam os seres, para os torturar. Os meus servos não são gnomos maléficos e escarninhos.

Aqui só deparas com a alegria e bondade. Amamos a

pureza e a luz. Por isso a Suprema - Virtude, que é Deus, concede-nos a eterna juventude. Pressinto-te corajosa e sonhadora, vou fadar-te para que sejas uma enguia feliz».

Já a varinha do condão ia a baixar sobre o animalzinho, quando este implorou:

— «Transforma-me numa linda Princesa, ainda que tenha de chorar todos os dias»

A fada entristeceu

— «Supunha-te mais sensata. O Orgulho acarretar-te-há grandes desventuras. Os mares, os rios e os campos eram teus. Ias a caminho da tua maternidade. Reflecte.

Torcendo-se em convulsões, a enguia expressava assim toda a sua dor.

— «Fada Lírio, Fada Açucena, Fada Brisa Ligeira, vinde auxiliar-me a construir mais outra ilusão» ordenou a Fada Liliana.

As quatro fadas desprenderam, das suas túnicas vaporosas, os

cendais de ouro e com êles enfaixaram o peixito. Estremeceu, vibrou intensamente e, em estertor prolongado, expirou.

A rainha das fadas fitava-a agora mais enternecida. Daquela pele viscosa e acinzentada, nasceu linda donzeli-

(Continua na página 3)



Se a mocidade soubesse...

Por CARFLÓFER

PARA ser mais belo o mundo,
torná-lo, em amor, fecundo,
de almas numa loira messe,
bastava levar a efeito
a moral deste conceito:
— *Se a mocidade soubesse!*...

Não custa nada sabê-lo;
Consultai quem no cabelo
já mostre a neve da idade.
O que em seguida eu vos digo
também éle, como amigo,
dizer-vos, por certo, há-de.

* * *

Enquanto alunos de escola,
fundi, temperai a mola
que andar vos fará na vida;
sêde bons, respeitadores:
tereis, em prémio, louvores,
mesmo de norma cumprida.

A função preponderante
no futuro é do estudante
como seus ócios reparte:
lêde o que fôr obra-prima,
fazei natação, esgrima,
vêde museus, curai de arte.

Entrando na vida prática,
de conduta a mesma tática
não deixeis perder de vista:
quem bem cumpre seus deveres,
é discreto em seus lazeres
honrosa fama conquista.

Nas cidades rumorosas,
mil atrações ardilosas,
sem recato, nem vergonha,
consomem bens e saúde
daqueles cuja virtude
barreira não lhes oponha.

Quando já fôrdes casados,
de filhinhos rodeados,
aos vossos dai são exemplo:

Espôso e pai, que se preza,
tem seu amor como reza,
tem o seu lar como templo.

Mais tarde, exáustos, vêlhnhos,
entre afagos de nêtnhos,
bênçãos da terra e celestes,
aguardareis o momento
do final coroamento,
por tôdo o bem que fizestes.

Ai! daquele que, em contraste,
do bom caminho se afaste,

honesto que seja, embora!
Quantos dias de amargura,
quanta miséria e tortura,
pela sua vida fóra!

* * *

Meninos, estais na infância,
mas pequena é a distância
que vai dela à mocidade;
para vós, o «*se soubesse...*»
fique sendo «*se quizesse...*»
Entendeis, não é verdade?

F I M



A PRINCESA DOS OLHOS DE ESMERALDA

(Continuação da página 3)

nha com vestes de sedas brancas, e envolta em diáfanos véus.

Seus olhos eram verdes de certo verde estranho e suas feições de graça incomparável.

Segurando-a pelas mãos, trouxe-a a fada até junto de seu trôno.



A côrte retomou o seu verdadeiro aspecto.

— «Princesa de Olhos de Esmeralda, realizaste a tua audaciosa quimera. Como a idealisaste?! Tu que vivias no rio Azul, onde os homens não existem?!»

— «Não foi a vaidade que me levou a êste pedido, mas porque morro de amor pelo Príncipe Frisol. Via-o frequentemente no Rio Azul cantar belas endeixas. Quando o escutava, tôdo o meu empenho era ser uma linda Princesa, para o acompanhar nessas baladas e barcarolas.»

As minhas lamentações comoveram certa enguia velha, sábia de correr mundo, que me assegurou que pela Terra existiam criaturas de grande poder, de alma tão linda e bondade tão perfeita que conseguiam mudar as fórmãs, aos seres criados. Chamavam-se as «Fadas». Quanto tempo vivi obcecada por esta esperança! Assim, mal tive ordem de seguir para o mar, obedeci em alvorço.

Não ambicionava a sociedade das outras enguias. Guia-me a ilusão. Tanta fantasia, tanto sonho pidente!»

A Rainha das Fadas suspirou, murmurando um dolente: — «Pobre enguiazinha!»

Continuou: «E's franca. A tua lealdade encantou-me. Pois bem, minha filha, parte!... O castelo cujos torreões brilham além, do outro lado do mar, é a habitação do teu amor. Sê boa. Toma êste fio de esmeraldas, belas como os teus olhos... Por cada acção virtuosa, as joias do teu colar tornar-se-hão mais puras. Não te envaideças! Se, illusoriamente, consegui transformar-te em donzella real, basta

que te corra uma gota de sangue, ou profiras uma palavra sobre o teu Passado para, de novo, voltares à tua fórmula primitiva.»

A Princesa sorria docemente. Embalada em rede de flôres, os zéfiros transportaram-na à praia fronteiriça.

Cada fada voou para espargir sobre os berços, dos pequenitos, sonhos de inocência.

Os riozinhos e as fontes voltaram a sussurar e a borbulhar. Sômente o perfume persistia ainda, quando sol-nado, na manhã seguinte, os lenhadores vieram à sua faina.

SEGUNDA CANÇÃO

Quando as atalhias depararam com a princesa, correram em chamamento de págens e escudeiros que a levaram à grande sala de honra, onde os Reis, o Príncipe e a côrte se encontravam.

Tôdos admiraram a linda Princezinha mas como ela sorrisse a tôdas as perguntas, apelaram para es físicos que a declararam muda.

No entanto, a Princesa ficou a viver no palácio com grande prazer do Príncipe Frisol.

Quando havia montarias aos veados ou javalis, mal as trompas anunciavam a partida para a caçada, a Princezinha acercava-se das gelosias, a contemplar aquele quadro movimentado e cheio de côr.



A' frente os págens-falcoeiros, depois o tropel de ginetes montados por garbosos cavaleiros. Sobressaindo entre tôdos, o Príncipe Frisol.

Atravessavam a ponte-levadiça, perdiam-se ao longe a caminho da floresta,

Então scismava longamente a Princezinha... Depois

TERCEIRA CANÇÃO

sentava-se ao bastidor bordando as maravilhosas tapeçarias que tanto agradavam à Rainha.

O tempo corria célere entre prazeres e festas... Certa manhã, porém, a nova aterradora, avassalou o castelo-real.

Nos próximos burgos o pânico reinava já. Ao norte avisava-se o inimigo.

Armaram-se cavaleiros, companhias de aventureiros juntaram-se aos homens-de-armas, O Príncipe, de couraça e elmo resplandescendo, partiu, também, a defender a pátria.

No palácio ficavam os velhos e as mulheres, chorando e resando.

Meses e meses se passaram entre lágrimas e ansiedades. A Princezinha ocultava-se pela floresta, carpindo suas saudades.

Se deparasse a Fada Liliana !
Pedir-lhe-ia a paz, a tróco da sua vida !
Caía a noite.

Sons de buzinas... o tropear de folgadas montadas.

Uma amazona em palafrem ajazeado, acerca-se, altiva, da Princezinha.

— «Onde se encontrará a princesa Esmeralda ?»

— «Aqui me tendes, Senhora. Que buscais ?»

— «Admiro-me que recuperasseis a fala. Sois, então, muda e feiticeira !»

— «E' verdade que há muito não pronuncio palavra mas não vos compreendo, Senhora !» balbuciou humildemente a Princezinha.

— «Sabei que sou a noiva do Príncipe Frisol.

A guerra acabou a tróco dos nossos esponsais.

Estes arautos, seguem para a cidade, anunciando a paz. O Príncipe amava-te...

E' preciso fugires do reino, antes da sua volta.

Não podes cruzar caminho com aquele que, embora um tanto forçadamente... me pertence. Ele talvez se sacrificasse pelo seu reino, tu deves imolar-te pelo seu amor...»

Esporeando o alazão, perdeu-se ao longe entre nuvens de pó...

Já o céu estava crivadinho de estrelas, quando a Princesa Esmeralda, voltou a si. Sofrera horrivelmente, humanamente Que fazer ? Embrenhou-se mais e mais pela floresta. Na margem do rio um leproso lamuriava doloridamente. A manhã rompia.

A Princesa acerrou-se do velhote chagado. Lavou, cuidadosamente, úlcera por úlcera. Entrapou-as depois, delicadamente, no seu lindo veu de seda verde.

Partiu ao meio o colar, dando uma parte ao desgraçado. E, como êle tiritasse de frio, despojou-se bondosamente do seu manto de arminho, envolvendo com êle o pobre que balbuciava atônito :

— «Deus lhe pague, anjo do céu !»

Foi andando, andando, até perto duma vila. Logo à entrada certa jovem chorava.

— «Porque sofre ?» Inquiriu a Princesa.

— «A guerra acabou. Meu noivo chega amanhã. Mas meus Pais estão tão pobres, tão pobres, que não podem dar-me um vestidinho limpo, para as bodas» replicou a rapariga.

— «Dá-me o teu fato camponesa !»

Envergando os trajos desajeitados da pobrezita, apresentou-a com a sua linda túnica de brocado.

E seguia sempre...

A noite chegava, a neve caía, farrapo a farrapo.

Súbito um cão, uivou sinistramente.

Próximo, o animal morria de frio. A Princezinha acerrou-se do perdigueiro e aconchegou-o a si.

Lá em baixo, no vale, outro burgo se descortinava. Estava embrulhado em cortinas de juncos. Os vilões deviam estar ceando. Se a recolhessem, em qualquer tenda !

Nos seus braços, o cão reanimava-se e a Princezinha marchou apressadamente.

A vila adormecia. A porta da abóbada ia a fechar-se. O





guarda deixou-a passar, a trôco das suas últimas esmeraldas.

Ao acaso, bateu a várias portas. Negavam-lhe hospitalidade. Um anel brilhava-lhe no dedo.

Tinha sido o último presente do seu amado Príncipe. Mostrou-a à dona da casa. Resmungando, aceitou-a e em paga, deitou algum caldo ao perdigueiro. Depois de regalado, o animal anichou-se perto do arco. A Princezinha ouviu, então, gemidos. Da habitação fronteira, sem empenas



nem tôrres, quasi a desmoronar-se, saíam êsses queixumes.

A Princesa bateu. Três rapazes sujos, precipitaram-se a abrir-lhe a porta. A meio do tугúrio, deitada sobre mantas rotas, uma rapariguinha soluçava.

Paralítica, ignorava a louca alegria de correr e mal vira o sol, peneirado pelo arco. Tinha oito anos. Os irmãos aborreciam-na com as suas brincadeiras folionas e destrambelhadas. No tempo em que a mãe vivia, gozara horas felizes. Ela contava-lhe histórias lindas de Príncipes e de Fadas...

Mas havia um longo ano que ela morrera.

A Princezinha não atendera mais.

Sentou-se ao lado da doentinha e começou desafiando a sua vida, pouco a pouco...

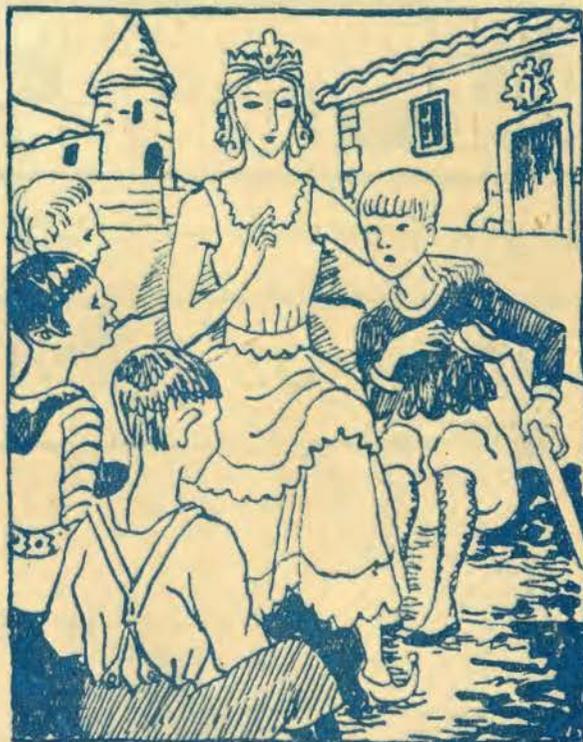
Os rapazes acocoraram-se pelo chão, extasiados; a pobrezinha sorria divinamente...

A noite a correr e a Princezinha a contar... a contar toda a sua existência.

Mas o passado reviveu também. A Princezinha sentiu-se sufocar; um estalido seco, e, rapidamente, transformou-se numa enguia.

Assustados, os rapazes agarraram em paus.

Mais afoito, o mais velho atirou-a ao beco. O peixe caiu em certa pôça lamacenta.



Quando o Pai chegou, contaram-lhe tudo. O Pai quis observar a enguia. O animal tinha morrido, mas o charco era uma mina de esmeraldas.

Que alegria! Ricos, fabulosamente ricos!

A paralítica, indiferente, sonhava, ainda...

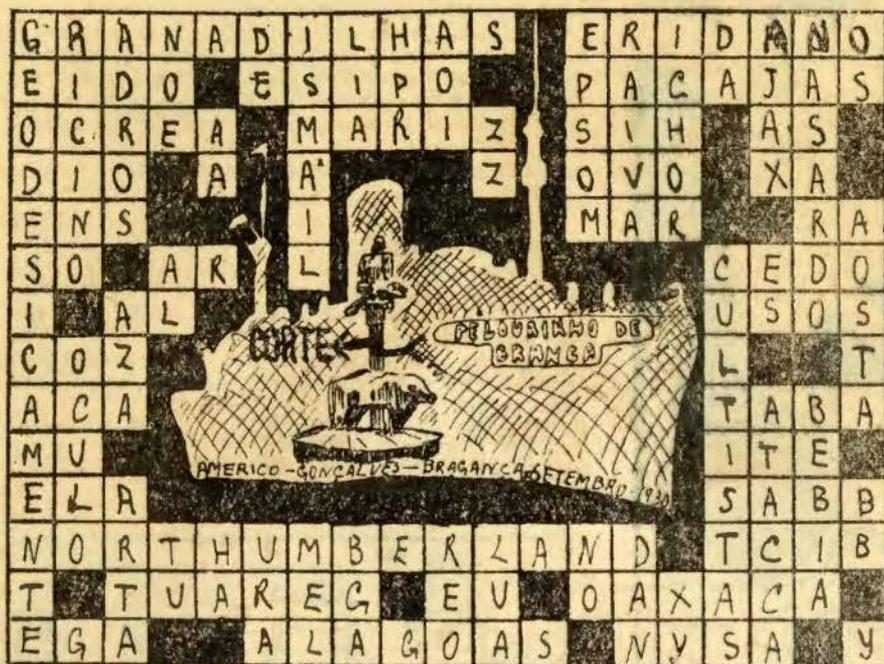
QUARTA CANÇÃO

Lo ge do mundo. No país das flores e das fadas, a Rainha Liliana amparava certa formazinha indistinta.

Em seus dedos mágicos, essa materiazinha corporisou-se e a Princesa Esmeralda, mais bela do que nunca, reapareceu às fadas.

— «As orações de dois corações humanos subiram a Deus que consentiu em que se operasse em ti, o mais estupendo milagre! É's fada. Dêste a tua vida por um sorriso de criança! Nomeio-te a «Fada dos Contos». Viverás com o melhor quinhão da humanidade: — as crianças, as mães e as avós!...»

Solução do problema anterior das Palavras Cruzadas



Continuação do conto:

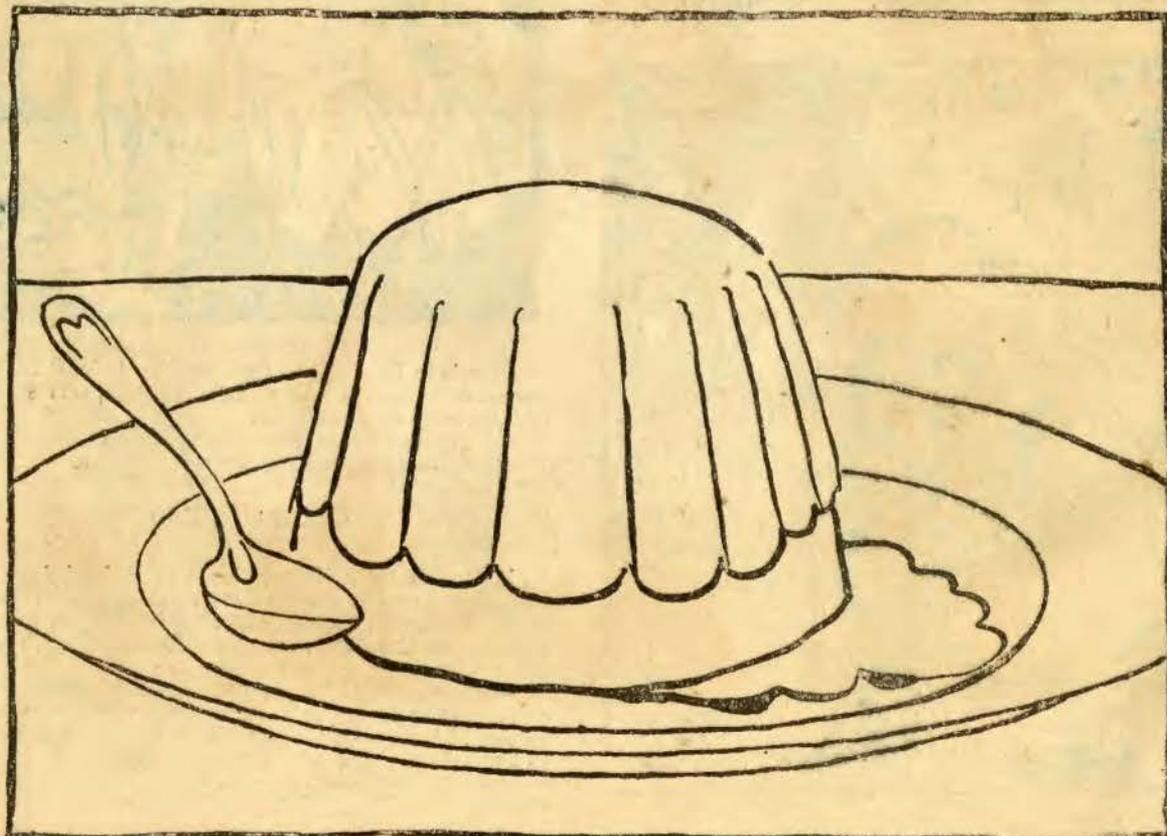
A PRINCESA DOS OLHOS DE ESMERALDA

Gosa a recompensa da tua excelsa bondade. Esfolha, a mãos cheias, a Ilusão e a Esperança. Dizendo isto, Fada Liliانا beijou a Princezinha que, confusa, sorria deliciosamente... Desde então, ela acompanha todos os meninos, pois que nem um, sequer, deixou de escutar por certo, dos lábios maternos, as histórias maravilhosas que correm mundo e que a «Fada dos Contos», a linda Princezinha Esmeralda, semeia aos quatro ventos.

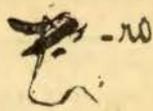
**** F I M ****

Solução da adivinha anterior: — José, António, Joaquim, Manuel, João Isidro, Frederico, Mário, Candido, Augusto, Artur, Miguel, Francisco, Luís, Filipe, Custódio Fernando, Alfredo, Rui, Pedro.

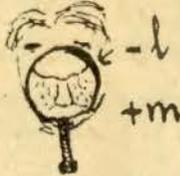
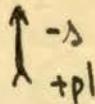
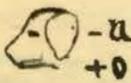
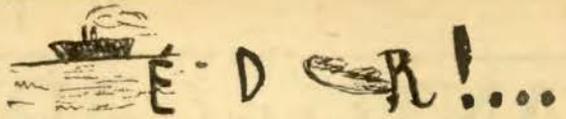
PARA OS MENINOS COLORIREM



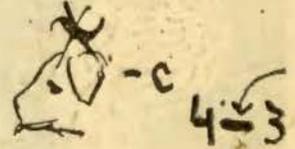
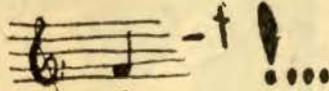
E-~~EE~~
N
I
G
M
A



100-c



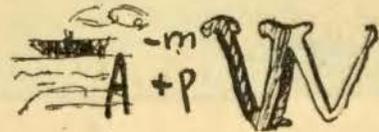
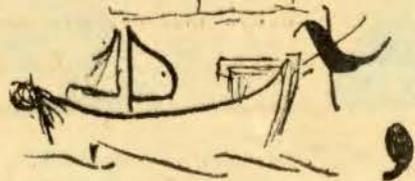
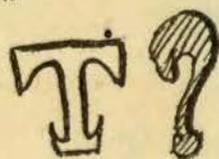
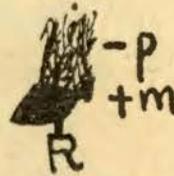
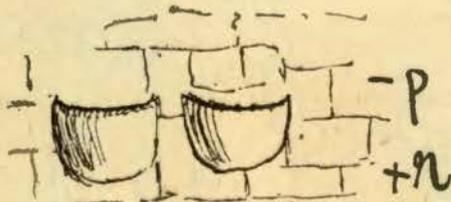
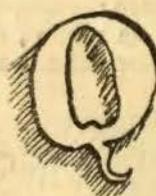
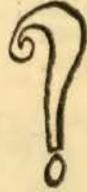
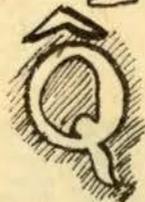
D



P
I
T
O
R
E
S
C
O



1



AMERICANA
CONGALVES

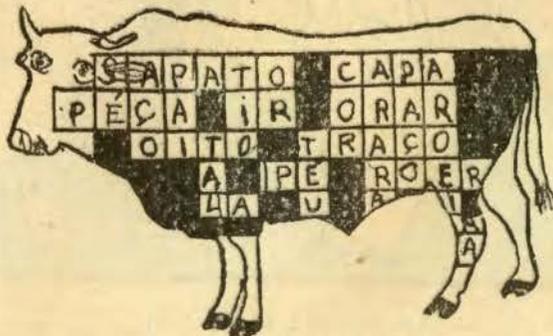
SOLUÇÃO

do problema anterior das
PALAVRAS CRUZADAS

A DIVINHA

Colocar nos pontos respectivos, letras de maneira a formar nomes de mulher

M . T . . D .
A . . . E . .
L . O
M
A
I
A . . . L . .
E . I
. M . . I . .
. . A . A



ANTO e CARLITOS na AULA



Carlitos na escola soma três e cinco: — oito, portanto; quando, de súbito, assoma seu condiscípulo: — o Anto.

«Erraste e soma (exclamou o Anto, lampeiro e afoito,) pois o mestre me ensinou que quatro e quatro são oito!»



No dia seguinte o Anto na ardózia estava escrevendo o que o mestre ia ditando á medida que ia lendo.

—«Escreva agora — «meteu».
—« Pronto!» diz o camarada. Contudo o Anto escreveu «metteu» com letra dobrada.



—«Apaga um t, só um tem em moderna ortografia,» (murmura o mestre) porém Anto hesita. Todavia,

lépido, volve: — «qual deixo o da esquerda ou o da direita?» O professor coça o queixo e a responder não se ageita!